O HOMEM QUE LEU A ALMA

Esta entrevista com **James Hillman**, realizada por Elisa Byington, foi publicada na edição de julho de 1999 da revista República. In: http://www.rubedo.psc.br/Entrevis/entrhilm.html

As almas em seus carros alados, quando antes de encarnar, chegam a um grande descampado, dão uma olhada para o alto. Contemplam em seus pedestais, a Justiça, a Beleza, o Pensamento, a Temperança, o mundo das idéias eternas e imutáveis, que ficam na "planície da Verdade", diz Platão. Logo em seguida, elas escolhem o que vai ser a "sua vida efêmera", à qual permanecerão ligadas por obra de Necessidade. Deusa caprichosa, ela, que tece seu fuso, e suas filhas, as temidas Parcas, cortam o fio da existência quando querem. Bebendo no rio do Esquecimento, prossegue o mito, perdemos a memória dessa escolha inicial de nossas almas - sem culpa nem responsabilidade de ninguém mais - cujo vínculo permanece no *daimon*, nosso guia e destino ao mesmo tempo.

Aos 73 anos, último discípulo direto de C. G. Jung, o célebre psicólogo James Hillman faz apelo a essa história antiga para afirmar que nossa biografia "não pode ser a história de uma vítima". Rebelando-se contra a idéia de que somos frutos de um código genético, de heranças ancestrais ou de acontecimentos traumáticos da nossa infância, ele afirma que o mito é ainda o lugar que nos permite "pensar com o coração e raciocinar com a alma", e assim encontrar o fio que une os pedaços esparsos da nossa existência.

Polêmico e poliglota, passeando sem inibições pelas principais línguas européias, o americano James Hillman era pouco mais de um *enfant prodige* quando se tornou diretor de estudos do Jung Institut em Zurique, na Suíça, no início dos anos 60. Hoje, autor consagrado e conferencista brilhante, o ex-diretor do instituto arranca aplausos entusiasmados das platéias fustigando os erros da psicologia moderna, lutando pelo direito de cidadania das imagens primordiais na nossa consciência e pelo papel da imaginação. Hillman convida-nos a olhar além das teorias físicas, genéticas e psicológicas e a perceber a linguagem cifrada que tantas vezes nos faz agir sem sabermos por quê. Seria esse O Código da Alma - título mais recente da sua obra de mais de 20 livro - que encerra "o segredo de nossa individualidade". Um desenho primordial do qual às vezes temos breves visões, ouvimos os "chamados", segundo os quais fazemos as escolhas que determinam nossas vidas. Lidando com um repertório cultural vastíssimo - da filosofia antiga ao hermetismo renascentista, da poesia às artes do nosso século -, Hillman escreve um livro bem-humorado e acessível, que não obstante sua complexidade, virou um *best seller*. Em vez dos obscuros casos clínicos de praxe, o genial psicólogo lança mão da biografia de personagens tão famosos quanto John Lennon ou Jackson Pollock com o intuito de tornar mais evidente ao comum mortal as manifestações da vocação e do destino. Gaba-se de ter escrito um livro de psicologia sem a palavra problema nem outros "agentes poluentes" da linguagem psicológica corrente.

Em Ferrara, no norte da Itália, em um congresso sobre o imaginário contemporâneo, aonde fomos encontrá-lo, Hillman chamou atenção para a "iconoclastia puritana" em ação na língua americana, que impõe ao mundo seu modelo e domínio. Atuando com uma impiedosa simplificação lingüística, tal iconoclastia em ação prevê a abolição das figuras de retórica, das imagens poéticas, dos adjetivos, dos advérbios e de tudo o que introduza beleza, humor, ironia, nuances ou ambigüidade, dando lugar a uma linguagem aparentemente objetiva, com tendência crescente ao vazio das abreviações.

Apesar do perfil de intelectual europeu, a verve apaixonada assim como o saudável otimismo que o caracterizam talvez não existissem caso não se tratasse de um habitante do Novo Mundo. Confessando o desprazer de dar entrevistas, ele acabou cedendo, mas fez questão de sublinhar: "Não se explicar minhas idéias melhor do que faço nos livros". A seguir a entrevista exclusiva concedida por Hillman à República.

República: O Código da Alma começa dizendo: "Há mais coisas nas nossas vidas do que admitem nossas teorias sobre ela". Ecoando Hamlet, o sr. nos convida a romper com os estreitos parâmetros do moderno racionalismo e põe no banco dos réus a psicologia moderna.

James Hillman: Exato. A psicologia moderna não está cumprindo sua missão. Então eu quero devolver à psicologia algo do seu senso comum e de suas raízes antigas O que quer dizer mais ou menos a mesma coisas: senso comum e raízes antigas. A psicologia tornou-se excessiva, hipervalorizada. Provocou um exagero de introspecção subjetiva. É preciso recuperar a conexão ecológica com o mundo. Voltar a perceber o que nos circunda, em vez dessa permanente auto-referência, da exagerada sensação de importância do indivíduo dada pela psicologia. Chorar no quarto de seu namorado quando deixa você ou porque sua mãe ou seu pai não a amam o bastante… Você pensa que isso é tão importante? Não, não é tão importante. Esse é o problema da psicologia: inflacionou os indivíduos e os sentimentos individuais.

Pensei que seu livro fosse sobre o indivíduo.

Certamente. Mas não sobre o indivíduo psicológico, no sentido habitual. É sobre a importância de o indivíduo encontrar seu próprio destino, estar em contato com sua própria personalidade, o que não é absolutamente a mesma coisa que exagerar a subjetividade. As pessoas estão sempre fazendo alguma coisa. Não só meramente pensando sobre si próprias.

Acreditar que temos um destino tão singular e distinto dos outros … Isso não parece um tanto pretensioso, coisa para os grandes gênios da humanidade?

É a razão para estarmos vivos. Penso que o mundo coletivo, o mundo onde vivemos, não dá a ninguém uma razão para estar vivo. A idéia darwiniana de evolução das espécies, por exemplo, não fornece nenhuma razão para isso. Para a Igreja Católica, estar vivo é condição para que você possa ir para o céu (risos). Não me parece razão suficiente para estar vivo. Mas o sentido de possuir um *daimon* que quer que você faça alguma coisa, seja uma determinada pessoa, dá um sentido para estarmos vivos. Trata-se de uma questão de fundamental importância com a qual a psicoterapia não soube lidar. Por que estamos aqui?

"As pessoas sofrem por idéias. Conseguindo fazer algumas mudanças nas suas idéias, elas se libertam."

O sr. voltou aos gregos para encontrar essa explicação.

Voltei à história de Platão, ao mito Er que ele expõe no final da República. Diz que a alma de cada um de nós escolhe uma imagem ou desenho que depois será vivido aqui na Terra. Nossa ligação com aquele desenho original é um companheiro chamado *daimon*, o nosso destino. É um guia único, diferente de todos os outros. Olhando nossa biografia por meio do mito, somos levados a percebê-lo por meio das idéias de vocação, alma, *daimon*, destino, necessidade. São elas que nos abrem aos pouco o sentido das nossas vidas.

Os gregos sabiam de tudo?

Lógico que não. Essa história é universal. A idéia de que você vem ao mundo com um *daimon* ou um anjo, de que os anciãos da tribo olham para os jovens para ver o que de especial eles trazem, ou qual a direção desses novos espíritos, é conhecida em outras culturas. Mas os gregos a apresentaram de modo mais claro, mais bem articulado. É este o valor dos gregos: terem feito as coisas tão bem! Não fizeram tudo, mas fizeram tão bem!

Referindo-se ainda aos gregos, o sr. comenta uma frase de Jung dizendo que, na nossa cultura, "os deuses viraram doenças".

É uma das principais idéias de Jung e significa que, na procura pelos deuses, não é necessário ir à igreja, mas ter consciência das nossas profundas inquietações, do que nos move. Ele chama Deu àquele que indica seu caminho e faz você parar, pensar e criar uma solução apropriada. Deuses no lugar de meros sintomas, tragédias, insucessos.

Para explicar suas idéias sobre a psicologia, em O Código da Alma, em vez dos habituais casos clínico, o sr. lança mão da biografia de personagens famosos. Como chegou a essa decisão tão pouco ortodoxa?

As pessoas fora do comum tornam mais visível aquilo que, nós comuns mortais, não conseguimos ver. Por isso as autobiografias são um gênero tão apreciado. Eu as utilizo não com o intuito de admirar personalidades, mas como um observatório privilegiado para ver as manifestações do destino: de que modo ele chega e se revela; o que ele pretende das pessoas.

A revelação do *daimon*, do gênio, do anjo ou da vocação é mais clara durante a infância?

Nas histórias que eu conto, e em milhões de outras, os vislumbres de uma vocação ocorrem durante a infância. Mas isso não significa que depois o percurso seja linear. Na infância, podemos ver melhor os sintomas, as atitudes que podem ser reveladoras.

"Milhares de jovens ainda querem ser psicólogos, um desastre. Há coisas mais necessárias."

O sr. usa as biografia de Judy Garland e Josephine Baker como exemplos opostos de *daimon*. A primeira sucumbiu ao próprio destino. A segunda, depois de todos os excessos da carne, passa a viver uma vida de dedicação ao próximo.

Trata-se da idéia de crescer para baixo (literalmente, *growing down*). Saber discernir e crescer dentro da vida. Como a árvore da cabala na tradição mística hebraica e cristã, meu modelo de crescimento imagina as raízes no céu com uma descida gradual para as coisas humanas.

Mas e toda a privação por que passa Josephine Baker no fim da vida? É a idéia de realização como redenção…

Acho que você está vendo isso com um olhar católico. Não vejo de modo penitencial o fato de que ela tenha perdido os cabelos, conseqüência das luzes e da vida que viveu antes. Acontece a muitos atores de Hollywood. Perdem o cabelo por causa das luzes. Betty Grable, por exemplo. Mas foi o processo de crescer para baixo, dentro da humanidade comum, que a fez, no fim, lutar pela causa negra, sustentasse 11 crianças e abandonasse a celebridade. Coisa que a Judy Garland nunca conseguiu, e foi trágico. Ela foi derrubada pelo *daimon*. Sofrimento? Ambas sofreram.

Pensei que a lição de Josephine Baker pudesse soar como algo moralista, não?

Não acho moralista, considero-a trágica. Judy Garland não podia parar porque ela estava identificada como o *daimon*, possuída. Continuou a representar e a cantar *Somewhere over the Rainbow* (Algum Lugar Além do Arco-Íris), caindo no palco, desesperada com a bebida e bolinha. Josephine Baker teve alguma atuação, mexeu com coisas no mundo que a salvaram de ficar obcecada pelo *daimon*.

Então, o *daimon* não é algo que recebemos já pronto. É algo ainda a ser realizado.

É dado, mas não de um modo absoluto. É sempre você. É o *daimon*, mas é você. A vida é essa relação. A forma como você vive define esse algo que está em você. Judy Garland era possuída por aquela força. Não tinha alternativa.

As idéias de vocação e destino mexem diretamente com nossa noção de livre-arbítrio. Afinal, somos ou não somos responsáveis por nossas vidas?

Acho que a distinção entre fado (sina, destino) e fatalismo pode ajudar a compreender. Fatalismo é acreditar no fado. Os gregos não usavam a palavra acreditar, que é uma palavra cristã, vem de credo: creio em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O fado é a percepção de que há algo a mais no mundo que afeta a minha vida. Fatalismo é, como todos os "ismos", uma coisa mais fácil: "Não posso fazer de outro modo. O destino assim quis". São sentimentos muito diferentes, ainda que sejam próximos. O fado faz você refletir sobre a sua vida. O fatalismo diz que você não tem nenhum controle sobre ela.

O sr. declara que quer fazer a psicologia regredir 200 anos. Voltar ao momento em que o entusiasmo romântico desmantelava a Idade da Razão.

Os românticos tomavam muito seriamente o sentido de "chamado", que significa: diga-me o que almeja (*longing to*, no original) e eu lhe direi quem é. Não é: diga-me o que faz; mas perguntar qual é o seu desejo, o *désir* da moderna poesia francesa, *desiderio*, em italiano. O que é muito diferente de perguntar "o que lhe aconteceu quando era criança"? Por exemplo, os meninos do Colorado que mataram os colegas de escola: alguém perguntou a eles o que eles desejavam, o que imaginavam? Basta de cálculos estatísticos e classificações diagnósticas.

É o papel do imaginário na nossa vida cotidiana, é isso?

Essa é a razão de ser deste encontro aqui em Ferrara. É muito importante focalizar a imaginação contemporânea. Na escola, por exemplo, precisamos abandonar a matemática por instante. Continua-se a justificar o ensino da matemática para crianças pequenas dizendo-se que treina o cérebro. Mas treina o quê? Treina as mentes para fazer certos tipos de raciocínios que falsificam o mundo sensível. Esse é o grande problema. Trata-se logicamente de razões tecnológicas, comerciais, econômicas. E o que acontece com a imaginação? O que está acontecendo com as crianças? Por que elas hoje se suicidam como jamais fizeram antes? Por que elas estão matando nas escolas? O que elas querem? Por que a poesia, a arte, a dança foram cortadas da programação escolar? Porque não são consideradas economicamente importantes.

Ao mesmo tempo vive-se em um mundo de fantasia, videogames, realidade virtual.

Mas é uma imaginação que copia a violência, copia a tecnologia, sem desenvolvimento de uma estética. É importante o sentido de beleza. O que essas crianças estão fazendo é imaginação sem treinamento, sem oportunidade de desenvolvê-la adequadamente.

O sr. hoje ainda pensa em termos de terapia? Considera-se um psicanalista?

Felizmente estou salvo (risos). Não tenho mais que receber pacientes. Sou um terapeuta das idéias. As pessoas sofrem por idéias. Conseguindo fazer algumas mudanças nas suas idéias, elas se libertam. Hoje há um movimento para que os problemas sejam abordados como filósofos e não como problemas psicológicos pessoais. A morte, o dinheiro, o valor, as prioridades, o amor, a moralidade, a solidão e a depressão são problemas filosóficos profundos, não são exclusivamente pessoais. É preciso falar deles de um ponto de vista filosófico. No Brasil, os jovens não estudam filosofia na escola, não é verdade? Como nos Estados Unidos. Nossos países privilegiaram a psicologia e a sociologia.

No fim do livro As Palavras e as Coisas, Michel Foucault anunciava que o homem, como matéria de estudo científico, era um objeto recente cujo fim estaria próximo. Referia-se ao nascimento da psicologia e das ciências humanas no fim do século XVIII.

Acho que há tantos jovens que ainda querem ser psicólogos… Milhares ainda se inscrevem nas faculdades de psicologia. O que é um desastre, pois não ajuda a sociedade. Estamos em um planeta muito difícil do ponto de vista ecológico, moral, ético. Há muitas coisas mais difíceis no mundo do que estudar psicologia. E muito mais necessárias. "O sofrimento tem a ver com a ignorância no sentido socrático. Nem Freud queria cancelar o sofrimento"

Mas o sr. não acha que ajuda as pessoas nas dificuldades, no sofrimento…

Sinceramente, não. Acho que o sofrimento tem a ver com tragédia, tem a ver com ignorância, no sentido socrático. Porque, se não existe um entendimento mais profundo da tragédia, da ignorância, a terapia acaba fazendo o que a farmacologia faz: leva embora a dor de cabeça, leva embora a depressão, leva embora a importância, a obsessão. Não quero cancelar o sofrimento. Nem mesmo Freud queria. Em um certo nível, a psicologia ajuda. Seu marido foi embora de casa, e você está desesperada e não tem com quem falar… Mas por que ir a um profissional? É preciso restabelecer as relações que contemplem esses aspectos.

"Os pais têm com os psicólogos a mesma atitude de quem leva o carro ao mecânico"

Mas e o papel ancestral desempenhado pelos sábios, pelos oráculos, pelos xamãs nas tribos?

Isso é bobagem. Os psicólogos que vão à universidade não são xamãs. A psicologia clínica mantém os problemas da alma no reino do humanismo secular. Como se fossem só problemas mecânicos. Quando os pais levam uma criança para um instituto, têm com as psicólogas profissionais a mesma atitude de quem leva o carro para o mecânico: quando volto para buscar?, quanto vai durar?, quanto vai custar (risos)? O que é isso numa sociedade? As crianças estão tão desesperadas. Não é significativo que 20% das crianças em idade escolar tenham problemas de asma? Como deve se sentir um ser de 8 anos de idade que não consegue respirar por causa da poluição, por causa dos problemas econômicos e sociais do capitalismo? E então? Vou para a terapia e digo que me sinto sufocado, que minha mãe não me deixa respirar. Quem vai ajudar as crianças? Olhe para as ruas do Brasil. Parece um pesadelo.

O sr. foi um discípulo direto de Jung. Como considera suas idéias em relação ao velho mestre?

Muito próximas. Jung dizia que a psique é feita de imagens. Ele sempre se interessou por comportamentos que são fora do comum, pelo problema do início em todas as culturas. No Egito, no Livro Tibetano dos Mortos, ele estava interessado nas imagens, não nos sintomas das pessoas. Teorizou os arquétipos, que eram originalmente mitos. Estou interessado exatamente nas mesmas coisas. A diferença está na minha posição em relação a sua teologia cristã. Jung tinha uma teologia da qual me sinto distante. Eu o sigo como psicólogo. A base de meu pensamento é fortemente devedora a Jung.

É particularmente difícil a parte do seu livro sobre o mal.

A "semente má". Acho que na nossa cultura falta imaginação sofisticada sobre o aspecto destrutivo. Não entendemos essas crianças no Colorado, não entendemos Milosevic ou a menina de 11 anos que mata o menino de 4, não sabemos imaginá-los. Falamos do Holocausto para falar de Hitler. Mas Hitler é o verdadeiro mistério. O que é extraordinário é a possibilidade de fazer que os alemães e grande parte dos europeus fizessem a mesma reverência. O que é isso? Nesse capítulo, eu me proponho a pensar sobre o mal. Há muitas teorias. Alguns dizem que é o diabo, outros que é uma deformação genética, todos tem teorias. Não estou interessado nelas. A questão é pensar sobre o assunto. Imaginar essa parte da vida que, se não pensarmos por medo ou por ânsia negar, vamos acabar queimando alguém.

"A psicologia exagerou a introspecção subjetiva. É preciso recuperar a conexão ecológica com o mundo"

Fonte: http://www.rubedo.psc.br/Entrevis/entrhilm.html